

## MORFOSSINTAXE

### A GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *IR* EM PREDICAÇÕES COMPLEXAS

Vinicius Maciel de Oliveira (UFRJ)  
[movinicius@bol.com.br](mailto:movinicius@bol.com.br) e [vmoliveira@vista.aero](mailto:vmoliveira@vista.aero)

#### INTRODUÇÃO

*Ir* apresenta uma aparente produtividade no que concerne à formação de estruturas perifrásticas. Esse item verbal pode participar na estruturação de perífrases que, em muitas vezes, concorrem num mesmo domínio funcional com formas simples. Acompanhado de um infinitivo, *ir* pode designar: (i) futuro do presente (*amanhã, vou descansar*); (ii) pretérito perfeito (*ontem, fui trabalhar na escola*); e (iii) futuro do pretérito (*eu ia/iria estudar, se fosse possível*).

Os exemplos listados são prototípicos e podem facilmente, sem alteração de sentido, ser substituídos por formas simples correspondentes. Entretanto, nem sempre essa permuta é possível por conta de sentidos ambíguos que, num complexo verbal<sup>3</sup> *ir* pode suscitar (*toda sexta, eu ia correr no parque*). Nesse caso, ele poderá ser tanto analisado como um verbo predicador (doravante,  $V_{\text{predicador}}$ ), como um verbo auxiliar (doravante,  $V_{\text{auxiliar}}$ ).

Acredita-se que essa ambigüidade é gerada pelo grau de integração (*ir* + forma verbal), isto é, quanto maior for esse grau, mais *ir* será reanalisado como um  $V_{\text{auxiliar}}$  evidenciando um, também, alto nível de gramaticalização de *ir*. Por outro lado, quanto menor for o grau de integração, mais *ir* se comportará como um  $V_{\text{predicador}}$ , caracterizando um baixo nível de gramaticalização. Segundo Silva Menon (2003), a estrutura *ir* + infinitivo ainda encontra alguns contextos de resistência para que a gramaticalização se complete.

Este trabalho, pois, centra-se na investigação do comportamento sintático-semântico de *ir* em predicções complexas de modo

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, são entendidas como complexos verbais, estruturas formadas a partir de mais de uma forma verbal que podem ser analisadas como dois predicadores distintos, não formando, necessariamente, uma perífrase, que é entendida como uma única informação predicante equivalendo-se ao que as gramáticas tradicionais chamam de locuções verbais.

a categorizar em qual nível de gramaticalização se encontra cada uso, com base em dados do Português do Brasil falado de três faixas etárias de diferentes escolaridades<sup>4</sup>. Tenciona-se também um estudo sobre o grau de integração (*ir* + forma verbal), considerando o pressuposto de que tal investigação possa relacionar-se com o processo de gramaticalização.

### ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este estudo pauta-se na relação entre sistema gramatical e funcionalidade discursiva, pois se crê que a estrutura gramatical se presta a estabelecer propósitos comunicativos. Dessa forma, assume-se que implicações discursivas contribuam para uma especialização da estrutura gramatical, ou seja, pressões comunicativas podem afetar, sob alguma medida, unidades do sistema lingüístico. Nesse sentido, elabora-se uma pressuposição de que *ir* quando inserido num contexto pragmático pode assumir características destoantes da prototípica – V<sub>predicador</sub>.

As orientações teórico-metodológicas específicas constituem-se do modelo configuracional de predicções de Dik (1997) e do conceito de gramaticalização de Heine *et alii* (1991), assim como dos esquemas cognitivos derivados desse processo que motivam a formação dos verbos auxiliares (Heine, 1993).

O enfoque funcionalista de Dik (1997) proporciona suporte para a descrição e análise das predicções por meio dos marcos predicativos, que devem proporcionar informações diversas sobre um predicado, a saber: (i) sua forma léxica; (ii) a categoria sintática a que pertence; (iii) o número de argumentos que requer; (iv) as restrições de seleção que o predicado estabelece sobre seus argumentos; e (v) as funções semânticas que realizam os argumentos.

Heine *et alii* (1991) apresentam pressupostos funcionalistas de ordem cognitiva e comunicativa para explicar o processo de gramaticalização. Os autores listam seis fatores cognitivos para esse

---

<sup>4</sup> Os dados foram coletados do banco de dados da fala infantil e da amostra censo 2000 do Projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua).

## MORFOSSINTAXE

processo: (i) proposição de localização (*X está em Y*); (ii) proposição de movimento (*X se move para Y*); (iii) proposição de ação (*X faz Y*); (iv) proposição de parte-todo (*X é parte de Y*); (v) proposição de igualdade (*X é como Y*); e (vi) proposição de companhia (*X está com Y*). A partir de associações via metáfora e metonímia, os autores explicam como estruturas passam por uma abstratização gradativa, perdem conteúdo lexical (*bleaching*) e assumem um comportamento que as incluem numa categoria mais gramatical. Vale frisar que, de acordo com os autores, o contexto comunicativo induz uma alteração sintático-semântica, pois implicações de ordem pragmática são determinantes para uma reformulação de unidades e/ou estruturas do sistema lingüístico.

A contribuição teórico-metodológica de Heine (1993) representa uma das fundamentais bases para este estudo, no que concerne às motivações para a formação de verbos auxiliares. Em uma investigação na qual o autor busca mostrar padrões gerais nas línguas de formação dos auxiliares, há, também, a tentativa de se explicar de que maneira a operação mental se relaciona com recategorização lingüística. Essa obra apresenta os conceitos de básicos de gramaticalização apreciados em Heine *et alii* (1991), mas o foco investigativo é a aplicação ao fenômeno da auxiliarização.

## ANÁLISE DOS DADOS

### *Verbo predicador*

De acordo com Heine (1993), todos os verbos auxiliares num dado momento já foram verbos simples. Esse fato evidenciado pelo autor justifica o intento de apresentar a configuração prototípica de *ir* como base de compreensão do processo de auxiliarização.

O  $V_{\text{predicador}}$  *ir* requer dois argumentos manifestados pelo sujeito (agente) [+ ] animado, e por um complemento circunstancial<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Segundo Rocha Lima (2006), complemento circunstancial é uma especificidade de alguns verbos que passam a idéia de circunstância (transitivos circunstanciais).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Essa configuração caracteriza-se pelo marco predicativo básico que se segue, no qual cada *X* é um dos argumentos de *ir*.<sup>6</sup>

IR <sub>V</sub>	(x <sub>1</sub> : animado (x <sub>1</sub> ) <sub>Agente</sub> )	(x <sub>2</sub> : inanimado (x <sub>3</sub> ) <sub>Meta</sub> )
=	(x <sub>1</sub> : sujeito [+ ] animado) <sub>Agente</sub>	(x <sub>2</sub> : comp. circ. [- ] animado) <sub>Meta</sub>

**Quadro 1: Marco predicativo básico de *ir*.**

- (1) *Aí eu vou no sítio menos vezes, né.* (01Mar-BDFI-FA)<sup>7</sup>
- (2) *Já passei por um perigo sim. Acho que eu já passei por esse perigo umas...[umas] três vezes. Uma vez eu tava dentro de casa, meus irmão (ruído de água) (inint) meu irmão tava lá fora, aí começou o tiro-teio, aí eu fui lá fora assim mesmo no meio dos tiros vê onde ele estava.* (T07Adr-AC-FB)
- (3) *Ele fez com que as pessoas fossem até a igreja, né? pra dançar, cantá, eu gostei, gostei muito.* (T22Ana-AC-FC)

A configuração básica envolve entidades do mundo real, ou seja, há (i) um agente, (ii) o deslocamento e (iii) o local para onde se desloca. Segundo Dik (1997), a relação entre agente e meta constitui-se de um estado de coisas caracterizado pelo autor sob dois parâmetros: Dinamismo e Controle. Predicações nucleares com *ir* (cf. os exemplos anteriores) caracterizam-se por evidenciar um estado de coisas dinâmico e controlado, ou seja, da interação entre o predicado (*ir*) e os termos, resulta o estado de coisas dinâmico, no qual o sujeito (agente) é o controlador e o complemento circunstancial (meta) é o controlado.

	ESTADO DE COISAS		TIPO DE ESTADO DE COISAS
Predicador <i>ir</i>	+ Dinâmico	+ Controlado	Ação

**Quadro 2:**

**Caracterização do comportamento básico de *ir* como predicador simples.**

<sup>6</sup> Há outra configuração considerada também prototípica em que *ir* projeta dois argumentos internos (um ponto no espaço de partida e outro de chegada): [*ele*] *foi do colégio direto pra lá*.

<sup>7</sup> Os exemplos seguem a seguinte ordem de informações: 1º código do documento; 2º nome do banco de dados (são dois apenas: AC → Amostra censo 2000 e BDFI → Banco de dados da fala infantil); e 3º a faixa etária em questão (Faixa A → infantil, Faixa B → juvenil e Faixa C → adulta).

## MORFOSSINTAXE

### *De predicador a auxiliar*

Uma das funções mais freqüentes de *ir* é o seu papel como  $V_{\text{auxiliar}}$ . A noção gramatical de tempo de que participa varia conforme. Nesta investigação, contemplam-se três tipos de construções com *ir*: as que designam futuro do presente, futuro do pretérito e pretérito perfeito.

Em todas as funções consideradas, *ir* perdeu características de  $V_{\text{predicador}}$  e ganhou outras de  $V_{\text{auxiliar}}$ . O processo pelo qual esse verbo passou até adquirir comportamento instrumental é denominado gramaticalização. Esse fenômeno está associado à recategorização lingüística – uma forma ou estrutura que se presta a uma determinada categoria lexical ou gramatical passa a assumir, respectivamente, outra gramatical ou mais gramatical devido a motivações de diferentes ordens. O fundamento básico incide sobre o fato de que o usuário manifesta pensamentos e idéias abstratos por meio da expressão lingüística e se não há material lingüístico que contemple, os elementos já existentes serão reformulados para se adequar à nova proposição. Segundo Martelotta et alii (1996), a gramaticalização envolve quatro níveis e o primeiro, nível cognitivo, considera justamente o trabalho mental do usuário para o empenho comunicativo – a adoção de itens lingüísticos já existente para adequar-se a uma nova aplicação categorial.

Entre os aspectos de gramaticalização mais relevantes tratados por Heine *et alii* (1991), está o fato de os autores considerarem verbos indicadores de processos como marco inicial para a gramaticalização, isto é, itens lingüísticos que na sua composição semântica designam processo são, segundo os autores, suscetíveis a esse fenômeno de mudança. Tendo em vista que um processo é descrito por Dik (1997) como um estado de coisas dinâmico e não-controlado pelo argumento externo e que o verbo predicador *ir* designa um evento dinâmico que pode ser controlado ou não pelo argumento externo, cogita-se que *ir* se enquadra numa categoria de itens sensíveis à gramaticalização. Um de seus sentidos refere-se justamente a um processo físico, isto é, movimento espacial de uma entidade não-controladora.

Os exemplos a seguir mostram os usos de *ir* como um típico auxiliar, apresentando-se bastante gramaticalizado.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

(4) E (Enrevistador): *Ah! Então, em que condições você vai poder ir a Pernambuco?* I (Informante): *É... no começo das férias, aí então a minha tia vai escrever, então eu passo, aí depois a gente vai.* (I01 Mar-BDFI-FA)

(5) *Foi mesma coisa, mesma coisa; chegamos no colégio, lanchamos, fomos lá, a professora bateu papo com a gente... falou [o que-] o que achou da ("p-") do- do passeio... a gente falou que achamos ótimo... Ela falou que ia arrumá outro passeio pa gente, mas foi aí- foi aí que eu deixei o colégio. Eu deixei o colégio de lado... Eu- eu preferi ("proseguir") no serviço.* (T05 And-AC-FB)

(6) *Até o grupo de jovens que eu não sabia, há anos que eu moro ali, não sabia que <ex...> não tinha grupo jovem e agora tem. Foi o que eu te falei <cham...> o que aconteceu na Igreja, eu acho que... máio é (hesitação) incentivadô disso foi o padre Marcelo, foi levá o jovem pra Igreja. E eu acho isso muito bom.* (T22 Ana-AC-FC)

As estruturas perifrásticas dos exemplos apresentam o  $V_{\text{auxiliar}}$  *ir* flexionado, mais um elemento verbal no infinitivo responsável pela predicação e caracterizando-se, assim, como o núcleo léxico-semântico. Entretanto, para que a noção temporal em (4), (5) e (6) seja mantida, é essencial a contribuição de *ir*.

Nos exemplos (4), (5) e (6), as perífrases podem ser permutadas por predicadores simples correspondentes: *vai escrever* por *escreverá*, *ia arrumá* por *arrumaria* e *foi levá* por *levou*. Dessa forma, é importante que estudos contemplem a investigação sobre a alternância entre formas simples e complexas para que possíveis generalizações sobre produtividades de uso e fatores (extra-) lingüísticos sejam estabelecidas.

Estudos recentes (Santos, 2000 e Oliveira, 2006) mostraram a grande produtividade de uso de *ir* como auxiliar de futuro do presente. As autoras comprovaram por meio de um estudo sociolingüístico quantitativo e qualitativo que a estrutura perifrástica *ir* + infinitivo vem ganhando espaço cada vez mais na língua falada e na escrita. De acordo com a tese de Oliveira (2006), a estrutura embrionária que deu origem à construção perifrástica surgiu no século XIV e, no XVI, iniciou o processo de auxiliarização de *ir*, quando a estrutura passou a ser reanalisada como expressão de futuro.

Heine (1993) apresenta esquemas cognitivos formadores de auxiliares nas línguas em geral e considera como um dos esquemas básicos o de movimento, no qual *ir* se relaciona. Segundo o autor, a

## MORFOSSINTAXE

proposição “X moves to/from Y” gera a categorização de auxiliar e expressa comumente a noção de futuro. O autor mostra o seguinte modelo para explicar a formação de *going to*, derivado do esquema de movimento:

Stage	I	II	III
	Jonh is going to town soon	Jonh is going to work soon	John is going to get sick soon
of concept:	Source	Source/Target	Target

**Quadro 3: Formação de *going to* através de um *continuum* configurado pelos pólos *source* (origem) e *target* (alvo); (Heine, 1993, p. 49).**

De acordo com o autor, os esquemas concretos ou esquemas de eventos (elementos lexicais) são tratados como itens de origem e os conceitos gramaticais formados a partir de tais itens são tratados como elementos alvos. A transição de um conceito de origem para o alvo não é um processo discreto, e sim contínuo. Durante essa transição, a expressão *going to* se encontra num contexto de ambigüidade (*stage II*), pois pode se referir simultaneamente a dois conceitos diferentes. Tal ambigüidade faz parte de um estágio previsível no desenvolvimento de auxiliares, pois constitui um passo necessário para a reanálise desse verbo como um item instrumental.

Segundo Bolinger (1980, *apud* Heine, 1993, p. 27), a partir do momento em que uma forma verbal tenha como complemento um infinitivo, já se caracteriza um contexto amplamente favorável à gramaticalização. Dessa forma, as orações de finalidade assim como expressões locativas representam peças muito importantes no processo de gramaticalização que afeta *ir* e, conseqüentemente, o infinitivo.<sup>8</sup>

(7) E: *Onde qué sua casa?... Aonde qué sua casa? É perto daonde, Jorge?* I<sub>2</sub>: *Lá di cima da casa dela... Ela já foi lá em casa.* I<sub>1</sub>: *Fui chamá ele pá vim... prá cá... prá vim... pá Legião.* (I03 Luc-BDFI-FA)

(8) *Ah aí eu ia traba... [ia]- ia traba é... arranjar um trabalho lá... nesse... tempo da- dessa casa, né?... e ia trabalhar lá.* (I01 Mar-BDFI-FA)

(9) *Aí eu atravesssei a rua, fui numa lanchonete comprá mate pra eu tomá aqui no trabalho...* (T22 Ana-AC-FC)

<sup>8</sup> O item que se gramaticaliza é o verbo *ir*. O infinitivo é afetado por esse processo, mas mantém seu conteúdo lexical íntegro.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Os exemplos (7), (8) e (9) representam o gatilho para o processo de auxiliarização de *ir*. Há uma expressão de finalidade (*pá vim, trabalhar e comprá*) e outra com a função de locativo (*lá, lá e numa lanchonete*), que, em (7), encontra-se subentendido. Com isso, todos os elementos lingüísticos necessários para a ambigüidade, que constitui uma etapa de gramaticalização relacionada por Heine (1993), participam da constituição dos dois exemplos anteriores. Isso se confirma mediante a possibilidade das seguintes substituições: (*Chamei ele (lá) pá vim*), (*e trabalharia lá*) e (*Aí eu atravessei a rua, comprei mate numa lanchonete pra eu tomá aqui no trabalho...*).

Vale ressaltar ainda que, para Heine (1993), o auxiliar não se configura como um pólo no *continuum*, e sim como uma categoria intermediária, pois, segundo ele, há a possibilidade de o elemento se tornar um afixo ou uma flexão<sup>9</sup>.

Outra característica muito importante na análise do grau de integração entre os elementos verbais em foco é a natureza semântica do infinitivo. Borba (1996) apresenta quatro classificações sintático-semânticas para os verbos<sup>10</sup> e com base nessas, analisa-se a relevância de tais para o grau de integração entre *ir* + infinitivo.

Nos exemplos (7), (8) e (9), os infinitivos *chamar*, *trabalhar* e *comprar* se classificam, segundo a proposta de Borba (1996), como verbos de ação. Isso indica que quando *ir* mantém relações com um verbo dessa natureza, sua integração ao infinitivo proporcionará interpretações dúbias. Com verbos de outras classificações sintático-

---

<sup>9</sup> Na transição do Latim Vulgar para o Português, por exemplo, houve tal fenômeno quando o auxiliar *habere*, usado após os verbos principais para expressar futuro (*cantare habemos*), deu origem à forma atual de futuro simples: *cantaremos*.

<sup>10</sup> As classificações são: (i) verbos de ação → expressam uma atividade realizada por um sujeito agente (ex. *voar, brincar, ir* etc.); (ii) verbos de processo → expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experienciador (ex. *O bebê acordou, A chuva parou, Ana sente frio* etc.); (iii) verbos de ação-processo → expressam uma ação realizada por um sujeito agente ou uma causação levada a efeito por um sujeito causativo, que afetam o complemento (ex. *José quebrou o pires, A costureira estragou o pano* etc.); e (iv) verbos de estado → expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito que é, pois, mero suporte dessa propriedade ou, então, seu experimentador ou beneficiário (ex. *Mário permaneceu em silêncio, Tadeu ama Dirce* etc.).

## MORFOSSINTAXE

semânticas (cf. nota 8), ou não é possível estabelecer a formação de perífrases ou o complexo verbal suscitará apenas uma interpretação.

(10) *Então eu acho que acabou a minha época, e eu saí tem dois anos, também porque eu tive um problema no joelho.* (T22 Ana-AC-FC)

(11) *Porque... (“t-”) (hes) por exemplo: <el-> (hesitação) ela escreveu no quadro, então a gente tem que escrevê, passá tudo pro caderno.* (T05 And-AC-FB)

(12) *Ele fala, eles contô pras crianças, é, dá boa noite pra criança. Ele vai lá pra casa dele! Então o rati de refresco. Mas é mentira. Ih o refresco, tá puro.* (I03 Luc-BDFI-FA)

Os exemplos (10), (11) e (12) mostram três verbos correspondentes às outras três classificações (*ação-processo*, *processo* e *estado*, respectivamente). Se as formas verbais destacadas fossem modificadas e adaptadas de modo a configurarem uma perífrase, ter-se-iam os seguintes resultados cujos itens entre colchetes são as formas testadas: (... *eu acho que [vai][ia][foi] acabar a minha época...*), (...*ela [vai][ia][foi] escrever no quadro...*) e (...*o refresco [vai][ia][foi] estar puro*).

Segundo o teste, com verbos de *processo*, *ir*, na expressão de futuro do presente e futuro do pretérito, relaciona-se coerentemente com o infinitivo, entretanto, quando *ir* sofre as flexões para designar pretérito perfeito, o sentido torna-se comprometido. Com verbos de *ação-processo*, o sentido se mantém claro e coerente, nas três flexões de tempo. Por fim, com verbos de *estado*, o sentido obtido por meio da integração *ir* + infinitivo é transparente nas expressões de futuro do presente e futuro do pretérito e, novamente, a construção com a forma *fui* apresenta sentido difuso.

Conclui-se a partir do teste que, em construções com verbos de *ação*, a relação entre *ir* e o infinitivo está propícia a gerar sentidos ambíguos, pois a idéia básica de sentenças com um *ir* prototípico e um infinitivo indicando finalidade é a de que um agente se movimenta até um local para executar algo. Esse objetivo, pois, tende a ser uma *ação* ou *ação-processo*, já que a relação finalidade/ação e finalidade/ação-processo são mais coerentes do que finalidade/processo e finalidade/estado.

De acordo com as análises desenvolvidas neste trabalho, elaborou-se o seguinte esquema para demonstrar o grau de gramatical-

zação de *ir* nas predicções complexas investigadas assim como seu grau de integração ao infinitivo:

- GRAMATICALIZADO	+ GRAMATICALIZADO
MENOR GRAU DE INTE- GRAÇÃO	MAIOR GRAU DE INTE- GRAÇÃO
+ CARACTERÍSTICAS DE V <sub>PREDICADOR</sub>	+ CARACTERÍSTICAS DE V <sub>AUXILIAR</sub>
+ ELEMENTOS LOCATI- VOS E VERBOS FINAIS	- ELEMENTOS LOCATIVOS E VERBOS NÃO FINAIS
+ ASSOCIADO A VERBOS DE AÇÃO E AÇÃO- PROCESSO	+ ASSOCIADO A VERBOS DE PROCESSO E ESTADO

**Quadro 4: Propriedades gerais da gramaticalização de *ir*.**

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou o percurso de alteração categorial de *ir* desde sua função de V<sub>predicador</sub> a V<sub>auxiliar</sub>. E, corroborando os pressupostos funcionalistas, essa mudança é gradual e se estabelece num *continuum*. Há três pontos fundamentais para a compreensão da gramaticalização de *ir*: a fase inicial (+ lexical), a intermediária (categoria híbrida) e a mais avançada (+ gramatical). O ponto intermediário caracteriza-se por uma aparente ambigüidade categorial, já que o elemento verbal *ir* pode tanto ser interpretado como um V<sub>predicador</sub> como um V<sub>auxiliar</sub>. Essa estrutura é considerada, nas três expressões de tempo analisadas neste trabalho, como o gatilho para gramaticalização.

O papel semântico dos infinitivos se apresentou relevante no que tange à determinação do grau de integração entre *ir* + infinitivo. A pesquisa determinou que *ir* mantém uma integração de leve a moderada com verbos de *ação* e *ação-processo*, ao passo que com verbos de *processo* e *estado*, a relação vai de moderada a forte.

Portanto, *ir*, em complexos verbais, não mantém um grau de integração com o infinitivo regular sistemático. Nas três expressões temporais consideradas, a recategorização de *ir* sofre resistência para se concluir, já que há ainda os aparentes contextos ambíguos, como menciona Silva Menon (2003).

## MORFOSSINTAXE

Por fim, cabe salientar que *ir* se mostrou, no *corpus* analisado, um elemento muito proffcuo quanto à formação de estruturas perifrásticas, participando na construção não só da expressão de futuro do presente (muito debatida na literatura lingüística) como também da expressão de futuro do pretérito e pretérito perfeito. Dessa forma, pressupõe-se que alguns tempos verbais tendam a um uso perifrástico e, acompanhando essa reformulação, *ir* amplia sua aplicação contextual.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Fransisco da S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

DIK, Simon. *Theory of Functional Grammar*. Editado por Kees Hengeveld. Berlin: Mounton de Gruyter, 1997, 2 v.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Gramaticalization. A Coceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd. *Auxiliaries: cognitive forces and gramaticalization*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade. In: VIEIRA, S. & BRANDÃO, S. (orgs.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2004, p. 65-96.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué & CEZARIO, Maria M. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olimpyo, 2006.

SANTOS, Josete Rocha dos. *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ro. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

SILVA MENON, Odete P. da. Perífrases com o verbo *ir*: variação e gramaticalização. **In:** PUSCH, Clauss D. & WESCH, Andreas. (orgs.) *Verbalperipharsen in den (ibero-) romanischen Sprachen*. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 2003.